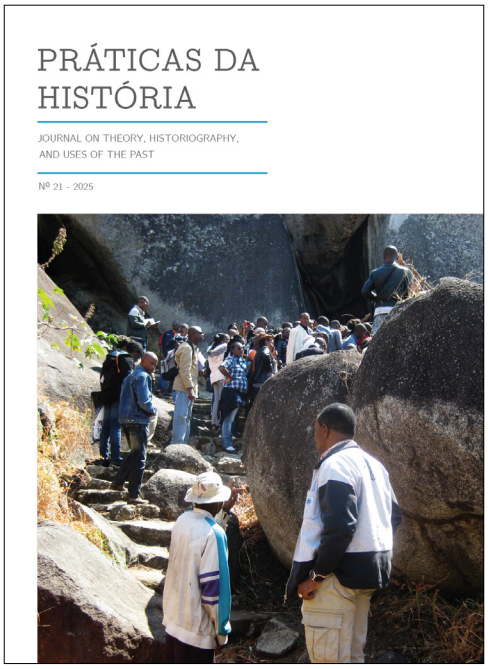


Chinua Achebe: entre a Nigéria pré-colonial e as reimaginações do passado igbo

Luiz Henrique Costa de Santana
e Imara Bemfica Mineiro

Práticas da História, n.º 21 (2025): 49-76

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Práticas da História, n.º 21 (2025): 49-76

Luiz Henrique Costa de Santana
e Imara Bemfica Mineiro

Chinua Achebe: entre a Nigéria pré-colonial e as reimaginações do passado igbo

Este artigo analisa como Chinua Achebe reimagina o passado igbo por meio da ficção, evidenciando a riqueza cultural e histórica da sua comunidade. A partir de *O mundo se despedaça* (1958) e do conto *Dead Men's Path* (1953), compreende-se como o autor formula uma contranarrativa que resgata as singularidades da experiência africana, articulando memória, espiritualidade e organização social. Achebe apresenta a vivência igbo em sua complexidade — valores comunitários, práticas culturais e relação com o sagrado — ao mesmo tempo que retrata os conflitos da colonização britânica. A pesquisa dialoga com Said, Mudimbe e Mbembe, ressaltando como a literatura africana opera como instrumento de resistência e preservação da memória coletiva. Conclui-se que a obra de Achebe constitui-se como espaço de disputa epistemológica, permitindo reinscrever a experiência igbo na sua pluralidade e afirmar outras possibilidades de leitura do passado africano.
Palavras-chave: Nigéria; literatura e história; reimaginar; comunidades igbos.

Chinua Achebe: Between Pre-Colonial Nigeria and Reimaginings of the Igbo Past

This article examines how Chinua Achebe reimagines the Igbo past through fiction, highlighting the cultural and historical richness of his community. Drawing on *Things Fall Apart* (1958) and *Dead Men's Path* (1953), the study investigates how Achebe constructs a counternarrative recovering the singularities of the African experience by intertwining memory, spirituality, and social organization. Achebe portrays Igbo life in its complexity — community values, cultural practices, and the relationship with the sacred — while depicting the conflicts triggered by British colonization. Engaging with Said, Mudimbe, and Mbembe, the article underscores how African literature operates as an instrument of resistance and a repository of collective memory. Achebe's work transcends the aesthetic dimension, positioning itself as a site of epistemological dispute that reinscribes the Igbo experience in its plurality — recovering silenced humanities and asserting alternative readings of the African past.
Keywords: Nigeria; Literature and History; Re-imagining; Igbo communities.

Chinua Achebe: entre a Nigéria pré-colonial e as reimaginações do passado igbo

Luiz Henrique Costa de Santana
e Imara Bemfica Mineiro*

Introdução

A literatura é um território propício para analisar uma sociedade. Por meio dela, é possível diagnosticar os fragmentos que determinados movimentos suscitam e propiciam. Dessa forma, há obras que solicitam um repertório robusto de autores para que seja possível pensar o texto e seus ecos. Chinua Achebe figura na lista de autores literários necessários que nos possibilitam pensar o contexto africano e, mais restritamente, o cenário igbo nas regiões Sudeste e Sudoeste da Nigéria. Entre as suas contribuições, destacam-se a trilogia africana *O mundo se despedaça* (1958); *A paz dura pouco* (1960); e *A flecha de Deus* (1964), assim como as obras de contos.

Entre esses, gostaríamos de pensar a partir da obra inicial da trilogia, *O mundo se despedaça* (*Things Fall Apart*), e do conto *Dead Men's Path* ([1953] 1972) (*O caminho dos ancestrais*) – ainda sem tradução oficial para o português brasileiro – como narrativas que tecem estratégias de confronto ao discurso colonial, reiterado por uma

* Luiz Henrique Costa de Santana (santanaluizhc@gmail.com). https://orcid.org/0000-0003-3707-7119, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil; Imara Bemfica Mineiro (imara.mineiro@ufpe.br). https://orcid.org/0000-0002-5616-8457. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Original article: 26-05-2025; Revised: 1-10-2025; Accepted: 12-10-2025.

literatura canônica (em ênfase aqui textos de Joseph Conrad) que visa encerrar o continente africano debaixo dos signos da servidão, miséria, pobreza e caos. Por meio de uma pesquisa qualitativa, objetiva-se comparar discursos coloniais com o discurso literário de Achebe, que reimagina o contexto igbo e, assim, formula uma contranarrativa. Com isso, pretende-se mostrar que o escritor nigeriano revisita um passado que singulariza a experiência africana igbo, devolvendo o sujeito a si mesmo, e lança um olhar que se dispõe a refletir sobre as múltiplas realidades da comunidade igbo.

A obra *O mundo se despedaça* apresenta um panorama da vivência igbo no contexto pré-colonial, encaminhando a narrativa até a situação da colonização. A partir das nuances da narrativa, é possível perceber a tentativa de esmiuçar as formas de autogerenciamento e autonomia dessas sociedades anteriores ao processo colonial. Com essas formas sintagmáticas de pensamento, a obra protagoniza-se e constitui o que se pode chamar de contranarrativa[1] ao operar uma releitura epistemológica do passado que se contrapõe ao discurso colonial que associava os povos africanos à selvageria.[2]

Além disso, nota-se uma tentativa exitosa de Chinua Achebe em fundamentar a arte literária e a contação de histórias como formas de disseminar a memória social e coletiva de um povo. Para tanto, o romance, publicado em um momento anterior à independência da Nigéria, demonstra uma preocupação singular em notar que existem civilizações e outras formas de organização social para além da hegemonia europeia. Em virtude disso, no conto *Dead Men's Path*, uma preocupação emerge das contradições sociais instauradas pela colonização britânica:[3] em consonância com os avanços desmedidos sobre a vegetação nativa do contexto igbo, os colonos britânicos decidem passar uma ferrovia por um caminho considerado sagrado para os igbos. A partir dessa

1 Edward Said, *Cultura e imperialismo*, trad. Denise Bottman (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

2 Yves V. Mudimbe, *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento* (Petrópolis: Vozes, 2019).

3 Sven Lindqvist, *Exterminem todos os malditos: uma viagem ao coração das trevas e à origem do genocídio europeu* (São Paulo: Editora Fósforo, 2023).

premissa, o conto retrata o surgimento de um conflito étnico-geracional entre, por um lado, os interesses da colonização e, por outro, o sagrado igbo sendo profanado.

Em ambos os textos – no romance *O mundo se despedaça* e no conto *Dead Men's Path* –, Achebe revisita o passado evidenciando a singularidade da experiência africana igbo, para além da homogeneização simplificadora tradicionalmente presente nos discursos coloniais. No contexto literário e de lutas políticas da Nigéria, Chinua Achebe olha de perto para essas múltiplas realidades da comunidade igbo, e confere a seus personagens a profundidade e a complexidade próprias das subjetividades dos sujeitos históricos. Com isso, contrapondo-se à estereotipia plana historicamente conferida aos subalternizados e marginalizados pelos discursos coloniais e por aqueles investidos das lentes da colonialidade, realiza um feito excepcional na literatura anglófona sobre África. Este artigo busca compreender, pois, como Chinua Achebe reimagina o passado igbo por meio da ficção, contrapondo-se ao discurso colonial presente na literatura canônica.

A Nigéria igbo pré-colonial

Um dos pontos cegos das análises historiográficas reside na falta de uma arqueologia cuidadosa do passado pré-colonial. Por vezes, as análises que tendem a ser mais contundentes acerca do continente africano deixam evidente que o real propósito da pesquisa é pensar o continente a partir da partilha de África[4] e da invasão europeia por todas as localidades do continente. Assim sendo, é imprescindível destacar que o continente africano é bem mais que os anos de opressão colonial, e que existe todo um universo epistemológico e cosmológico que se perde ao

4 Esse argumento é utilizado por Max Siollun na condução de seu livro em prol de uma perspectiva que lança luz sobre a Nigéria no contexto pré-colonial (ver: Max Siollun, *The Forgotten Era: Nigeria before British Rule* (Londres: Pluto Press, 2025). Como justificativa catalisadora do fazer historiográfico, Siollun aponta para a necessidade de pensar um continente africano anterior à partilha. Desse modo, ele reivindica uma historiografia que descentralize a razão do fazer histórico e a justifique em virtude da importância exacerbada que os europeus tiveram na memória do continente. Assim, interessa-nos seguir na esteira do pensamento de Siollun, reproduzindo criticamente a perspectiva de um continente que não deve ser reduzido à historiografia europeia e à sua ânsia por protagonismo e centralidade.

não dedicarmos nosso olhar ao momento anterior à colonização. Com isso, iniciamos uma breve explanação acerca da Nigéria anterior à chegada dos britânicos.

Max Siollun, na obra *O que o poder britânico fez com a Nigéria?: uma breve história da conquista e do domínio*[5] (2021), destaca o contexto dos povos negros que residiam naquelas localidades, haja vista que todo o território não era composto unicamente por uma etnia, mas por vários povos distintos – os hauçás, os iorubás e os igbos são alguns desses povos que compreendiam o território nigeriano antes que a colonização avançasse por sobre as coletividades negras.

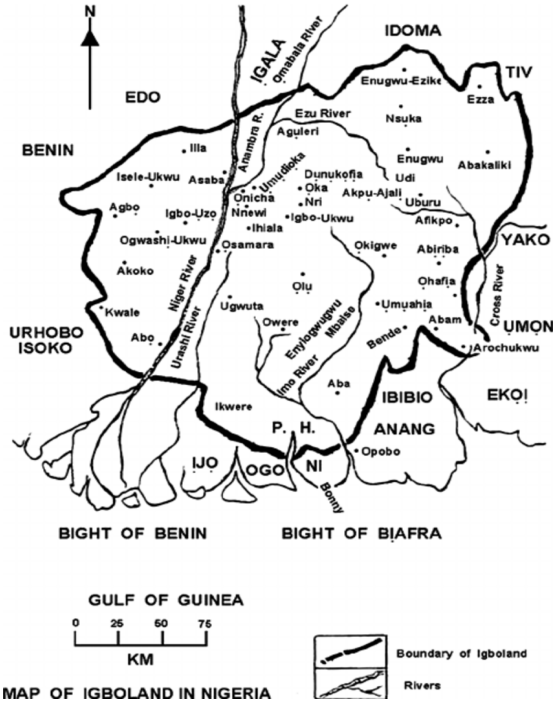


Figura 1. Mapa da região igbo da Nigéria. Fonte: Ugochukwu, "The Nigerian Civil War and Its Media: Groping for Clues".[6]

5 Max Siollun, *What Britain Did to Nigeria: A Short History of Conquest and Colonial Rule* (Londres: Hurst, 2022).

6 Francoise Ugochukwu, "The Nigerian Civil War and Its Media: Groping for Clues", *Media, War & Conflict* 3, n.º 2 (2010), 182-201: "Following months of political instability in Nigeria and the massacres of Igbo people in the north of the country during the summer and fall of 1966, the situation deteriorated rapidly. On 30 May 1967, the Eastern Region (Igboland) unilaterally declared its independence, triggering a civil war that, coupled with a tight economic blockade of the secessionist region and the logistic support of foreign powers, turned into a three-year conflict that claimed over three million lives. Nigerian and Biafran troops were

Segundo Siollun,[7] no momento anterior à colonização britânica no território que viria ser a Nigéria, temos uma economia bastante entrelaçada à agricultura, como a base econômica das comunidades igbos, com relações de troca, mercados públicos periódicos e uma criação mais comunitária das crianças igbos. A experiência com a ancestralidade era um componente perene dessa cultura.

Siollun constrói uma série de exposições acerca dos conflitos entre as aldeias igbos. Segundo o pensador nigeriano, não havia um poder supremo que unificasse todas as aldeias igbos. Em vez disso, as comunidades eram organizadas em clãs independentes, com conselhos de anciãos e lideranças locais que tomavam decisões coletivamente. Essa estrutura política fragmentada permitia uma certa flexibilidade na governança, mas também gerava disputas territoriais e rivalidades locais. Os conflitos entre as aldeias igbos não eram apenas motivados por questões de terra ou de recursos, pois também estavam entrelaçados com noções de honra, vingança e equilíbrio espiritual.[8] A crença na justiça ancestral e nos deuses locais desempenhava um papel crucial na resolução de disputas, muitas vezes através de rituais e consultas aos oráculos. Essas práticas não apenas consolidavam a coesão social, como também reforçavam as hierarquias culturais e religiosas que estruturavam a sociedade igbo.

Ao analisar essas dinâmicas pré-coloniais, Siollun[9] desafia a visão simplista de que a Nigéria pré-colonial era um espaço de harmonia e estabilidade. Pelo contrário, ele mostra que a complexidade política e

engaged in battle from 6 July 1967 until 12 January 1970, when the war ended with Biafra's surrender. All through the conflict, but especially from 1968-9, the world media converged on Nigeria, trying their best to cover the conflict for their audiences, with mixed fortunes. This study, based on radio bulletins gathered daily in France from 1968 to 1970 from the BBC World Service, Voice of America, France-Inter, Radio-France International, Europe n.1, Radio-Brussels, Radio-Lausanne and Radio-Canada, reveals the way the media groped their way through a flurry of contradicting nuggets of information in a desperate hunt for the truth on a far-away nightmare, with unreliable sources contributing to the confusion and a proliferation of unreliable pieces of news. In spite of these limitations, the media succeeded in covering the progress on the ground, the unfolding of the humanitarian situation and mounting casualties, the arms race and the political scene, and eventually achieved their aim — that of attracting the world's attention to Nigeria."

7 Siollun, *What Britain Did to Nigeria.*

8 Siollun, *What Britain Did to Nigeria.*

9 Siollun, *What Britain Did to Nigeria.*

social das aldeias igbos revelava um cenário dinâmico e multifacetado, no qual alianças e conflitos coexistiam, moldando as identidades locais e as relações de poder. Com isso, respondendo à pergunta proposta no título da obra de Max Siollun (*O que o poder britânico fez com a Nigéria?*), pode-se afirmar que o poderio britânico desmantelou a percepção de mundo que os indivíduos pertencentes à comunidade negra igbo detinham, agindo com truculência para com a comunidade ancestral.

A partir dessa percepção, é necessário observar que existem algumas obras que esmiúçam e analisam a questão dos povos igbos no território ancestral. Nesse sentido, a coletânea da Unesco, mais restritamente o volume acerca da *África do século xix à década de 1880*,[10] visa perceber como se sucederam algumas tentativas de modernização no período anterior às múltiplas tentativas da colonização europeia do território. Observe-se que a colonização britânica investira potencialmente nas comunidades originárias.

Acerca desse momento anterior à colonização, o historiador Jacob Festus Adeniyi Ajayi nos diz:

> No século xviii, a população atingia uma forte densidade em regiões como a Baixa Casamansa, o país dos igbo no Sudeste da Nigéria, as pastagens de Camarões e a região dos Grandes Lagos da África Oriental. Contudo, acrescentando-se às catástrofes naturais, o tráfico de escravos e as guerras mortíferas por ele acarretadas causaram perdas demográficas de grande escala e, notadamente, a diminuição, durante um longo período, do número de mulheres em idade de procriar.[11]

Tais considerações atestam um desvio do propagado pelo senso comum acerca da imagem inventada[12] da África como um continente

10 Jacob Festus Ade Ajayi, ed., *História geral da África, vi: África do século xix à década de 1880* (Brasília: Unesco, 2010).

11 Ajayi, *História geral da África*, 6.

12 Valentin-Yves Mudimbe, *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento* (Petrópolis: Vozes, 2019).

de densidade espaçada, povos distantes entre si e localidades inóspitas. Ajayi nos mostra como as comunidades negras de África, em especial os povos igbos, atingiram "uma forte densidade" que fora freada, entre outros fatores, pelo tráfico de escravos e pelas guerras resultantes de conflitos relacionados ao tráfico. Assim, considera-se o século XVIII como um marco, pois essa densidade local demonstra os conflitos que os colonizadores europeus iriam enfrentar ao tentar "civilizar" os povos igbos. É digno de nota perceber que os igbos foram os últimos povos a ter a influência dos colonos europeus de forma tão incisiva e frequente.

Vale observar que o intento de implementar uma narrativa que perscrute a comunidade igbo de forma holística aparece como esforço basilar da coletânea de textos da Unesco e, nesse sentido, descreve-se a extensão territorial igbo: "O imenso interior igbo estendia-se de cada lado da porção norte do delta do Níger, nas duas margens do curso inferior do rio. O país igbo era muito mais vasto na parte ao leste do rio, prolongando-se até o norte da bacia do Cross."[13]

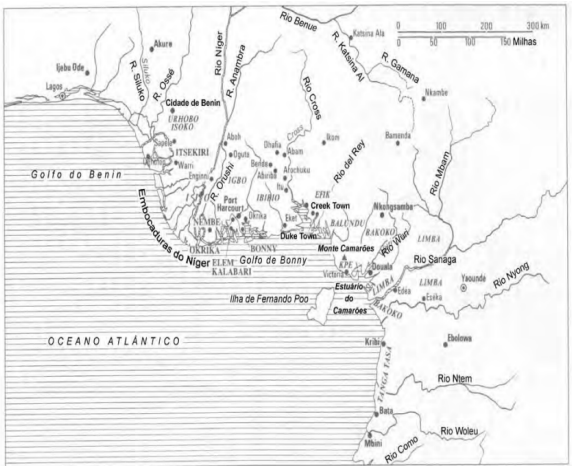


Figura 2. O delta do Níger e os Camarões no século XIX.
Fonte: Alagoa, "O imenso interior igbo".

A partir da citação e do mapa acima, ressalta-se que os povos igbos detinham boa parte do território que viria ser a Nigéria, além de esta-

13 Ebiegberi J. Alagoa, "O imenso interior igbo", in *História geral da África, VI*, 843.

rem de posse da bacia do rio, o que favorecia as trocas comerciais. Essa localização estratégica permitia não apenas o desenvolvimento de uma economia baseada no comércio inter-regional, como também o fortalecimento de redes de contato com outros povos e comunidades vizinhas. Ademais, a organização social dos igbos, caracterizada por um sistema descentralizado e pela valorização do consenso nas decisões políticas, demonstrava a complexidade e a riqueza de suas estruturas sociopolíticas antes da chegada dos colonizadores europeus. Assim, ao longo dos séculos, consolidaram-se como um grupo de grande influência na região, exercendo um papel fundamental na dinâmica econômica e cultural do território que posteriormente seria moldado pelas imposições coloniais.

Acerca disso, o acadêmico chefe Ebiegberi Joe Alagoa pondera:

> Durante muito tempo, o país igbo aparentemente caracterizou-se por uma população relativamente densa e pela sua organização em pequenas unidades políticas. Estas características transformavam-no em um país especialmente vulnerável aos efeitos destruidores do tráfico de escravos, na justa medida em que não havia Estados assaz potentes a ponto de protegerem os seus residentes. Com efeito, as diversas comunidades igbo, tudo leva a crer, envolveram-se em guerras entre grupos, incursões e capturas de homens, por eles posteriormente vendidos aos Estados do delta e aos efik de Calabar, os quais atuavam como intermediários. Em outros termos, embora o país Igbo tenha fornecido a maioria dos escravos vendidos nos portos de Bonny, de Elem Kalabari, no delta do Níger, e em Calabar, no estuário do Cross, os igbo não entraram em contato direto com os europeus antes dos últimos anos do século xix e no início do século xx.[14]

Esse trecho destaca a vulnerabilidade do país Igbo ao tráfico de escravos devido à sua fragmentação política e ausência de um Estado

14 Alagoa, "O imenso interior igbo", 856.

centralizado capaz de proteger seus habitantes. Essa descentralização facilitou a atuação de intermediários locais, como os efik, e os Estados do delta que participaram ativamente do comércio transatlântico de escravizados.

O ponto central da passagem é a aparente contradição entre o fato de os igbos terem sido uma das principais populações escravizadas e, ao mesmo tempo, não terem tido contato direto com os europeus até o final do século XIX. Isso evidencia que o tráfico negreiro não ocorreu apenas como uma imposição externa, mas também como um fenômeno mediado por estruturas locais de poder e conflito.

A questão da fragmentação política dos igbo pode ser analisada à luz da crítica pós-colonial, especialmente a partir de autores como Achille Mbembe e Frantz Fanon, que discutem como o colonialismo se aproveitou de divisões internas e as amplificou para manter sua dominação. Além disso, a ausência de contato direto com os europeus até um período relativamente tardio reforça a ideia de que a colonização e o tráfico de escravos não foram eventos monolíticos, mas processos complexos, mediados por agentes africanos e europeus em diferentes níveis.

Portanto, nota-se que os povos igbos são vistos enquanto demograficamente densos, envolvidos em conflitos bélicos e em trocas comerciais. Para além desse pressuposto e a partir da coletânea mencionada é possível perceber que existem caminhos de aproximação ao rico e complexo passado igbo a partir da História Oral, Arqueologia, Linguística Histórica, Epigrafia e Escritas Locais, Fontes Escritas Europeias e Árabes, Antropologia e Etnografia, Perspectivas Pós-Coloniais e Decoloniais. São todas metodologias interdisciplinares que juntas possibilitam pensar sobre um passado remoto. Distante dessas metodologias, porém nem tanto, encontra-se a literatura, que de forma ficcional consegue reimaginar esse passado. Sigamos!

As reimaginações do passado igbo

A partir dessa contextualização histórica, passamos à análise das reimaginações literárias do passado igbo. Para além dos dados que atravessam

as percepções historiográficas – mapas, relatos e as apreensões do passado –, encontra-se a literatura. Por meio dela, é possível individualizar e particularizar as questões relativas aos sujeitos no mundo. Parte da literatura expressou maneiras de indivíduos que transitam pelo mundo dizerem algo acerca dos sujeitos com os quais se deparam no caminho. A literatura europeia,[15] tida por Valentin-Yves Mudimbe[16] como hegemônica, nessa tentativa de dizer do outro, terminou por inventar um continente a partir da sua perspectiva e de seus julgamentos. Tal fato culminou na construção de narrativas e discursos que perpetuaram a história do território africano vista por apenas um prisma. Por sua vez, a disseminação das crônicas e dos relatos de viagens contribuiu para que o imaginário do continente europeu repudiasse o continente africano, independentemente de seu conhecimento efetivo sobre a região.

Dessa forma, ao perceber que a literatura por vezes reforça o estereótipo acerca de determinadas localidades, é possível atentar-se para a literatura de Chinua Achebe enquanto um elemento necessário para desarmar os estereótipos criados acerca das comunidades negras de África. O autor nigeriano, por meio de seus romances, contos, poemas e novelas, realizou um feito exitoso: reimaginar o passado igbo ancestral, mostrando de forma racional uma imagem do continente africano antes não vista/lida. Com isso, gostaríamos de pensar a partir da obra inicial da trilogia, *O mundo se despedaça* ([1958] 2009) – *Things Fall Apart* – e do conto *Dead Men's Path* ([1953] 1972) – *O caminho dos ancestrais*, como narrativas que tecem estratégias de confronto ao discurso colonial, reiterado por uma literatura canônica que visa encerrar o continente africano debaixo do signo da servidão, miséria, pobreza e caos.

Em *O mundo se despedaça* encontramos uma Nigéria ainda não invadida pelos europeus. Durante toda a narrativa, acompanhamos a vida de Okonkwo, um guerreiro de uma comunidade igbo da região de Umuófia. O romance em questão pondera diversas interfaces da comunidade igbo, mostrando como os costumes e todas as práticas estavam

15 A título de exemplificação, Joseph Conrad, em *O coração das trevas* (1902), pensa a África como um continente imerso em trevas.

16 Mudimbe, *A invenção da África*.

integradas àquilo que se configura como espiritualidade originária. Assim, no momento inicial do romance, temos a seguinte descrição:

> Toda a gente conhecia Okonkwo nas nove aldeias e mesmo mais além. Sua fama assentava-se em sólidos feitos pessoais. Aos dezoito anos, trouxera honra à sua aldeia ao vencer Amalinze, o Gato, um grande lutador, campeão invicto durante sete anos em toda a região de Umuófia a Mbaino. Amalinze recebera o apelido de o Gato porque suas costas jamais tocaram o solo. E foi ele quem Okonkwo derrotou, numa luta que, na opinião dos mais velhos, fora das mais renhidas desde a travada, durante sete dias e sete noites, entre o fundador da cidade e um espírito da floresta. Os tambores rufavam. As flautas cantavam. Os espectadores prendiam a respiração. Amalinze tinha uma destreza manhosa, mas Okonkwo era tão escorregadio quanto um peixe dentro d'água. Todos os nervos e todos os músculos estufavam em seus braços, em suas costas e em suas coxas, e quase se podia ouvi-los a se distenderem como se fossem arrebentar. Finalmente, Okonkwo derrubou o Gato.[17]

Essa descrição, durante uma leitura corriqueira do romance, pode passar despercebida. Porém, entre as várias releituras realizadas entre o período da licenciatura até a conclusão do mestrado, pude notar que Chinua Achebe comunica bem mais que o preâmbulo inicial de uma narrativa. Nesse trecho é possível apreender que Okonkwo, protagonista do romance, busca um título maior, o de guerreiro mais respeitado de Umuófia, mas, para que tal feito se efetivasse, era necessário derrotar o atual guerreiro, entronizado entre as canções louvadas pelas multidões igbos: Amalinze, chamado de o Gato. Tal feito seria difícil de conseguir alcançar, haja vista que o Gato detém esse apelido pois suas costas jamais tocaram o chão. Nessa passagem, Chinua Achebe evoca a

17 Chinua Achebe, *O mundo se despedaça*, trad. Vera Queiroz da Costa e Silva (São Paulo: Companhia das Letras, 2009), 23.

imagem de um sujeito em uma comunidade igbo em busca de conquistar a glória, o respeito e um lugar de destaque diante dos anciãos de Umuófia.

A partir disso, segue-se o entendimento de que o conhecimento advindo das crônicas de viagens dizem de um mundo que não é partilhado, nem respaldado historicamente. As crônicas de viagens dos colonos europeus demonstram uma leitura estereotipada dos mundos africanos. No excerto acima, Chinua Achebe demonstra como é possível reimaginar o passado; alicerçando-o na narrativa oral, na cultura oralizada e nos costumes ventilados pelos povos antigos no território igbo. Acerca desse pressuposto, sob o qual se assenta a escrita de Achebe, é produtivo recorrer aos escritos de Jacques Rancière, que aponta para a ficção e o pensamento dizendo que "o real precisa ser ficcionalizado para ser pensado".[18] Tal afirmação enseja uma prerrogativa basilar dos estudos literários na medida em que se concebe a ficção como uma possibilidade crucial de entender outros mundos, mas não só, sendo essa mesma ficção o que enseja a racionalização do real.

Nesse trecho, em que Okonkwo realiza o impossível, derrubando o lutador Gato, é perceptível que valores como honra e reconhecimento estão em voga na narrativa. Achebe, ao incutir isso no texto, possibilita o pensamento discordante em relação à narrativa hegemônica: os sujeitos africanos no contexto igbo possuem valores! Tais sujeitos não são meros animais selvagens e indiferentes.[19]

Existem humanidades para além dos moldes europeus.

Dessa forma, ao longo do trecho anteriormente citado, Chinua Achebe demonstra como a manifestação do sagrado também se dá pelos rituais de luta. Por meio de tantos embates, é possível perceber como a narrativa perscruta a cultura igbo em uma tentativa exitosa de imaginar o passado pré-colonial, subjetivando, particularizando a experiência no mundo pré-colonial. Todavia, por intermédio dessa particularização, a narrativa do escritor

18 Jacques Rancière, "Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos de ficção", in *A partilha do sensível: estética e política*, 2.ª ed. (São Paulo: EXO Experimental Org. e Editora 34, 2009), 58.

19 Vocabulário utilizado na narrativa conradiana.

nigeriano consegue fazer-nos enxergar o coletivo, o plural: o horizonte. Ao particularizar a vida de Okonkwo, é possível enxergar o entorno, as ruas da comunidade de Umuófia, o dia de mercado e as narrativas oralizadas.

Para além dos contornos bélicos, dos embates corporais desses sujeitos, Chinua Achebe evoca, enquanto ponto fulcral da comunidade igbo, a experiência com o sagrado, as formas através das quais esse sagrado se manifesta, os modos como a espiritualidade se dá. No trecho a seguir acompanhamos tal experiência:

> Ninguém jamais vira Agbala, exceto sua sacerdotisa. Mas nenhum daqueles que se arrastaram para dentro do terrível santuário dali saíra sem o temor do poder do Oráculo. Sua sacerdotisa ficava de pé, perto do fogo sagrado, que ela própria acendera no coração da caverna, e proclamava a vontade do deus. O fogo era um fogo sem chamas. [...] Há muitos anos, quando Okonkwo ainda era menino, seu pai, Unoka, fora consultar Agbala. Naquele tempo, a sacerdotisa era uma mulher de nome Chika. Estava cheia do poder de seu deus e era muito temida. Unoka ficou de pé diante dela e começou sua história.[20]

A partir do excerto em questão, nota-se que as possibilidades de interação para com o sagrado partem da necessidade do indivíduo de compreender a si e o seu entorno. Achebe representa a cultura igbo de forma complexa. Tal perspectiva fica evidente durante a leitura do trecho acima. A sacerdotisa, a porta-voz do seu deus, era recebida pela comunidade com uma mulher de poder oracular, capaz de mostrar o que estaria prestes a acontecer como também revelar os intentos da divindade para os demais indivíduos partícipes dessa comunidade. A sacerdotisa de Agbala era conhecida como Chika, quando não estava sob o poder de seu deus. Em dado momento, Unoka, pai de Okonkwo, leva-o a conhecer a sacerdotisa de Agbala para que, por meio dela, fosse conhecida a vontade de Agbala para a vida

20 Achebe, *O mundo se despedaça*, 36-37.

de Okonkwo. Nesse trecho, a ancestralidade, isto é, a espiritualidade igbo, é vista não como uma forma de culto restrita, oculta e isolada, mas como uma maneira horizontal de entender a realidade anterior à colonização. A espiritualidade igbo compreendia o mundo de forma plena, abarcando todas as interfaces da vida do coletivo na aldeia; tal possibilidade é vista como uma maneira de estimular a reflexão crítica acerca da comunidade igbo. Chinua Achebe representa a cultura ancestral como forma de potencializar essas reimaginações do passado por meio da ficção africana.

Consoante a essa experiência de representação, Yves Mudimbe nos diz: "As artes baseiam-se em critérios e é difícil imaginar que estes padrões possam emergir do exterior do campo 'conhecimento-poder' de uma dada cultura, um campo que, num período histórico, institui a sua bíblia artística."[21]

O conhecimento acerca do mundo igbo possibilita a representação exitosa de uma sociedade em contexto pré-colonial. O que Yves Mudimbe representa, enquanto critérios e conhecimento-poder, é a possibilidade de lidar com a capacidade da arte. Em análise neste artigo, estão a arte literária e sua capacidade de confrontar, representar e dar a conhecer determinados mundos. Isto é, seria propício, no campo da arte, a representação da realidade, a possibilidade de se entremear por entre a cultura, por entre os períodos históricos e mostrar-se enquanto necessária para a construção do conhecimento.

Na esteira desse pensamento, Mudimbe projeta que:

> Desta forma, não lidamos com um eventual museu imaginário, mas com constrangimentos concretos produzidos por duas ordens principais: uma dimensão topográfica que explica como e porquê os discursos sobre o Mesmo e o Outro são interpretados, e uma ordem cultural que, na desordem do que hoje parece ser uma humanidade comum, indica claras divisões, fronteiras subtis e por vezes as denominadas aberturas à singularidade.[22]

21 Mudimbe, *A invenção da África*.

22 Mudimbe, *A invenção da África*, 39.

Desse modo, entendendo-se a arte enquanto um campo de representação do mundo, é possível perceber que existem mundos que foram melhor representados e outros que foram depreciados. Nisso, Mudimbe conjectura que a arte negra, a literatura negra em África, é um ponto de ruptura e de quebra da ordem colonial, haja vista que, por meio dessas novas representações, tem-se uma tentativa exitosa de singularizar a experiência africana ao invés de estereotipá-la. A ficção africana, a literatura em África, mais especificamente na Nigéria, consegue evocar a percepção de que existem outras formas de ver o mundo, para além das lentes eurocentradas.

Dando sequência à análise dos escritos de Achebe, no conto *Dead Men's Path* vemos que o autor retrata um embate entre igbos e os colonos europeus. O conto *Dead Men's Path* apresenta o choque entre modernidade e tradição por meio do personagem Michael Obi, um jovem diretor de escola que tenta impor uma visão "progressista" ao fechar um caminho ancestral. O caminho ligava o cemitério do vilarejo a um santuário, simbolizando a conexão entre os vivos e os ancestrais.

> "Look here, my son," said the priest bringing down his walking-stick, "this path was here before you were born and before your father was born. The whole life of this village depends on it. Our dead relatives depart by it and our ancestors visit us by it. But most important, it is the path of children coming in to be born..." [...]
>
> "The whole purpose of our school", he said finally, "is to eradicate just such beliefs as that. Dead men do not require footpaths. The whole idea is just fantastic. Our duty is to teach your children to laugh at such ideas."[23]

23 Tradução nossa: "Olhe aqui, meu filho", disse o sacerdote baixando sua bengala, "esse caminho estava aqui antes de você nascer e antes de seu pai nascer. Toda a vida desta aldeia depende disso. Nossos parentes falecidos partem por ela e nossos ancestrais nos visitam por ela. Mas o mais importante é que esse é o caminho das crianças que chegam para nascer..." [...] "O objetivo de nossa escola", disse ele finalmente, "é erradicar exatamente essas crenças! Homens mortos não precisam de trilhas. A ideia toda é simplesmente fantástica. Nosso dever é ensinar seus filhos a rir de tais ideias." Chinua Achebe, *Dead Man's Path*, in *Hopes and Impediments: Selected Essays* (Nova Iorque: Anchor, 1972 [1990]), 12.

Nesse nível, nota-se que a colonização já está bastante avançada, haja vista que o sacerdote em diálogo com Obi ouve que a educação colonial tem um propósito delimitado: "is to eradicate just such beliefs as that" (erradicar tais crenças nocivas ao progresso da colonização). Dessa forma, é possível perceber que o intento dos sujeitos colonos era o de inviabilizar o trânsito naquela localidade. Tal fato se configura como uma afronta às divindades, uma vez que aquele caminho serve de passagem para os espíritos ancestrais visitarem a comunidade igbo, para as crianças nascerem. Todos esses fatores mobilizam a crença do sujeito. Todavia, o Sr. Obi, ao ouvir os usos atribuídos àquele caminho, compreende que seria necessário tornar as crenças motivos de riso, escárnio e zombaria. Afinal, um dos intentos da colonização é ridicularizar crenças com o objetivo nítido de deslegitimá-las.

Atrelado a isso, Achebe representa a cultura igbo como fortemente ligada à oralidade. Todos os causos, todos os contos, todas as possibilidades de narrativa eram vinculadas aos saberes ancestrais, transmitidos oralmente. Por meio disso, acreditava-se que o caminho em questão trazia as crianças à aldeia igbo e, também, levava os espíritos ao local de descanso, além de possibilitar que os igbos fossem de igual modo visitados por eles.

Destaca-se, a propósito, que a colonização configura-se enquanto uma estrutura administrativa-discursiva. Tal processo pode ser percebido na narrativa de Achebe quando ilustra a educação igbo, no momento anterior à colonização, como do domínio dos pais, dos anciãos e dos sacerdotes da comunidades. Após a colonização, vê-se a desautorização dos pais por intermédio das escolas agenciadas pela companhia de exploração.

> "It amazes me," said Obi to one of his teachers who had been three years in the school, "that you people allowed the villagers to make use of this footpath. It is simply incredible."
>
> "The path," said the teacher apologetically, "appears to be very important to them. Although it is hardly used, it connects the village shrine with their place of burial."

> "And what has that got to do with the school?," asked the headmaster.[24]

Para a comunidade igbo, todas as coisas estão interligadas: espiritualidade, amizade, família, guerra e comércio. Nada do que existe, existe só. Essa cosmologia compreende o mundo de forma perene e completa. Ao perguntar o que isso tem a ver com a escola, o diretor perde de vista que o cruzamento faz parte da cultura igbo como um todo. Dessa forma, fica evidente que uma das engrenagens da colonização foi despersonificar o sujeito no contexto colonial, para que o indivíduo perdesse de vista todo o sistema de referências no qual está inserido. Ao perder de vista o sistema complexo de referências, causos, contos, narrativas orais, cerimônias e celebrações o sujeito se perde e, com ele, também se perde a sua comunidade.

Considerações finais

A literatura, ciência do texto, produto cultural cujo elemento central e basilar é a palavra, possibilita as representações acerca do mundo. Em um primeiro momento, os mundos representados pelos textos literários consistiam e faziam referência ao território europeu, bem como aos lugares desbravados por tais territórios: o mistério, a angústia e a solidão, em meio à vastidão de possibilidades que acompanhavam os navegantes, eram alguns dos temas que se faziam frequentes nos textos literários e/ou nas crônicas de viagem.

A História, na esteira dos pensamentos próximos à escola dos *Annales*, começou a perceber a necessidade de contar uma história mais achegada aos sujeitos comuns, tendo em vista que as minúcias do cotidiano movimentam a história. Dessa forma, a historiografia redireciona seus esforços para pensar o povo, a periferia, o trabalhador; contudo,

24 Tradução nossa: "Surpreende-me", disse Obi a um de seus professores que estava há três anos na escola, "que vocês permitiram que os aldeões fizessem uso dessa trilha. É simplesmente incrível." "O caminho", disse o professor desculpando-se, "parece ser muito importante para eles. Embora seja pouco utilizado, ele conecta o santuário da aldeia com seu local de sepultamento". "E o que isso tem a ver com a escola?", perguntou o diretor da escola. Achebe, "Dead Man's Path", 11.

ainda se tinha uma perspectiva eurocentrada para a formulação das análises, pois não se pensava o sujeito em África ou, no momento seguinte, nas Américas.

Seguindo o fluxo das independências dos países em África, Chinua Achebe percebera que a independência da Nigéria[25] não estava distante. Todavia, era necessário pensar sobre quais seriam os traumas acarretados pela colonização. O que era nosso? O que era deles? Nesse contexto, Achebe decide escrever *O mundo se despedaça*, numa tentativa exitosa de reimaginar o contexto pré-colonial da comunidade igbo. Em um momento seguinte, cerca de 20 anos após a primeira escrita de *O mundo se despedaça,* Achebe lança um livro com contos, *Esperanças e impedimentos* – incluso nesse livro, temos *O caminho dos ancestrais* (tradução nossa). Nessa obra, percebe-se a colonização mais avançada e as vontades dos anciãos igbos em conflito com o desejo impetuoso da colonização britânica e do diretor da instituição escolar.

Portanto, próximo ao relato historiográfico encontra-se a escrita de Chinua Achebe. No desejo singular de representar a cultura igbo para além dos relatos geográficos de densidade populacional ou dos numerosos embates com outras etnias, com o intuito de representar a vida do sujeito no contexto pré-colonial, busca singularizar a experiência de mundo do sujeito igbo; mostrar como esse sujeito tem medo, ama, erra, acerta, foge e luta; e construir uma humanidade igbo omitida pelos relatos dos sujeitos europeus (que caracterizavam os africanos como selvagens) e negligenciada pela história oficial. Chinua Achebe, por meio da ficção africana, através dos romances, contos e poemas, devolve à comunidade negra em África a possibilidade de ser vista e lida como composta por seres humanos.

25 Chamada inicialmente Protetorado Britânico do Sul e Protetorado Britânico do Norte.

Bibliografia

Achebe, Chinua. *Dead Man's Path*. In *Hopes and Impediments: Selected Essays*. Nova Iorque: Anchor, 1972 [1990].

Achebe, Chinua. *O mundo se despedaça*. Traduzido por Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Ajayi, Jacob Festus Adeniyi de. "África no início do século XIX: problemas e perspectivas". In *História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880*, editado por Jacob Festus Adeniyi Ajayi. Brasília: Unesco, 2010.

Alagoa, Ebiegberi J. "O imenso interior igbo". In *História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880*, editado por Jacob Festus Adeniyi Ajayi, 843. Brasília: Unesco, 2010.

Burke, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

Falola, Toyin, e Max Siollun. *Warfare and Diplomacy in Pre-Colonial Nigeria*. Madison, WI: University of Wisconsin-Madison, 1992.

Falola, Toyin. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Lindqvist, Sven. *Exterminem todos os malditos: uma viagem ao coração das trevas e à origem do genocídio europeu*. São Paulo: Editora Fósforo, 2023.

Mbembe, Achille. "As formas africanas de auto-inscrição". *Estudos Afro-Asiáticos* 23, n.º 1 (2001): 171-209.

Mbembe, Achille. "A arte de narrar o acontecimento pós-colonial". In *África insubmissa: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*, 95-100. Lisboa: Edições Pedago, 2013.

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Mbembe, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Traduzido por Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Mudimbe, Yves V. *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2019.

Rancière, Jacques. "Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos de ficção". In *A partilha do sensível: estética e política*, 52-62. 2.ª ed. São Paulo: EXO Experimental Org. e Editora 34, 2009.

Said, Edward. *Cultura e imperialismo*. Traduzido por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Siollun, Max. *What Britain Did to Nigeria: A Short History of Conquest and Colonial Rule*. Londres: Hurst, 2022.

Siollun, Max. *The Forgotten Era: Nigeria Before British Rule*. Londres: Pluto Press, 2025.

Ugochukwu, Francoise. "The Nigerian Civil War and Its Media: Groping for Clues". *Media, War & Conflict* 3, n.º 2 (2010): 182-201.

Apêndice A – Tradução nossa de *Dead Men's Path*

O caminho dos ancestrais

As esperanças de Michael Obi foram cumpridas muito antes do que ele esperava. Ele foi nomeado diretor da Escola Central Ndume em janeiro de 1949. Sempre tinha sido uma escola pouco progressista, por isso as autoridades da Missão decidiram enviar um homem jovem e enérgico para dirigi-la. Obi aceitou essa responsabilidade com entusiasmo. Ele tinha muitas ideias maravilhosas, e essa era uma oportunidade para colocá-las em prática. Ele tinha tido uma educação secundária sólida, o que o designou como um "professor pivotal" nos registros oficiais e o destacou dos outros diretores de missão. Ele era franco em sua condenação das visões estreitas desses mais velhos e muitas vezes menos instruídos.

"Vamos fazer um bom trabalho, não vamos?", perguntou ele à sua jovem esposa quando ouviram pela primeira vez a alegre notícia de sua promoção.

"Faremos o nosso melhor", respondeu ela. "Teremos jardins tão bonitos e tudo será moderno e delicioso..."

Em seus dois anos de vida de casada, ela havia ficado completamente infectada por sua paixão por "métodos modernos" e por sua difamação "dessas pessoas velhas e ultrapassadas no campo do ensino que seriam melhor empregadas como comerciantes no mercado de Onitsha". Ela começou a se ver já como a admirada esposa do jovem mestre chefe, a rainha da escola.

As esposas dos outros professores teriam inveja de sua posição. Ela colocaria a moda em tudo... Então, de repente, lhe ocorreu que talvez não houvesse outras esposas. Entre a esperança e o medo, ela perguntou a seu marido, olhando ansiosamente para ele.

"Todos os nossos colegas são jovens e solteiros", disse ele com um entusiasmo que, pela primeira vez, ela não compartilhou. "O que é uma coisa boa", continuou ele.

"Por quê?"

"Por quê? Eles darão todo o seu tempo e energia para a escola."

Nancy estava abatida. Por alguns minutos, ela ficou cética em relação à nova escola; mas foi apenas por alguns minutos. Seu pequeno infortúnio pessoal não podia cegá-la para as perspectivas felizes de seu marido. Ela olhou para ele enquanto ele se sentava dobrado numa cadeira. Ele estava com os ombros baixos e parecia frágil. Mas às vezes ele surpreendia as pessoas com súbitas explosões de energia física. Em sua atual postura, porém, toda a sua força corporal parecia ter se retirado atrás de seus olhos profundos, dando-lhes um extraordinário poder de penetração. Ele tinha apenas vinte e seis anos, mas parecia ter trinta ou mais. De modo geral, ele não era feio.

"Um centavo por seus pensamentos, Mike", disse Nancy depois de um tempo, imitando a revista feminina que ela leu.

"Eu estava pensando que grande oportunidade temos finalmente para mostrar a essas pessoas como uma escola deve ser administrada."

A Escola Ndume estava atrasada em todos os sentidos da palavra. O Sr. Obi dedicou toda a sua vida ao trabalho, e sua esposa também. Ele tinha dois objetivos. Insistia em um alto padrão de ensino, e o complexo escolar deveria ser transformado em um lugar de beleza. Os jardins dos sonhos de Nancy ganharam vida com a chegada das chuvas, e floresceram. Belas sebes de hibisco e alamandas em vermelho e amarelo brilhantes marcaram o complexo escolar cuidadosamente tratados, em contraste com os arbustos densos do bairro.

Uma noite, enquanto Obi estava admirando seu trabalho, ele ficou escandalizado ao ver uma velha mulher do vilarejo coxear do outro lado do complexo, através de um canteiro de flores de calêndulas e das sebes. Ao subir até lá, ele encontrou sinais tênues de um caminho quase fora de uso desde o vilarejo através do complexo escolar até o mato do outro lado.

"Surpreende-me", disse Obi a um de seus professores que estava há três anos na escola, "que vocês permitiram que os aldeões fizessem uso dessa trilha. É simplesmente incrível." Ele balançou a cabeça.

"O caminho", disse o professor, desculpando-se, "parece ser muito importante para eles. Embora seja pouco utilizado, ele conecta o santuário da aldeia ao local de sepultamento." "E o que isso tem a ver com a escola?", perguntou o diretor da escola.

"Bem, eu não sei", respondeu o outro com um encolher de ombros. "Mas lembro-me de que houve uma grande discussão há algum tempo, quando tentamos fechá-lo."

"Isso foi há algum tempo. Mas não será usado agora", disse Obi enquanto se afastava. "O que o Oficial de Educação do Governo vai pensar disso quando ele vier inspecionar a escola na próxima semana? Os aldeões podem, pelo que sei, decidir usar a sala da escola para um ritual pagão durante a inspeção."

Foram plantadas varas pesadas bem próximas ao caminho nos dois pontos de entrada e saída da escola. Estes foram reforçados com arame farpado.

Três dias depois, o sacerdote da aldeia de Ani visitou o diretor. Era um homem idoso e andava um pouco curvado. Carregava uma bengala robusta, que costumava bater no chão, para dar ênfase, cada vez que apresentava um novo ponto em seu argumento.

"Ouvi dizer", disse ele após a habitual troca de cordialidades, "que nosso caminho ancestral foi recentemente fechado..."

"Sim", respondeu o Sr. Obi. "Não podemos permitir que as pessoas transformem o nosso complexo escolar em uma rodovia."

"Olhe aqui, meu filho", disse o sacerdote baixando sua bengala, "esse caminho estava aqui antes de você nascer e antes de seu pai nascer". Toda a vida desta aldeia depende disso. Nossos parentes falecidos partem por ela e nossos ancestrais nos visitam por ela. Mas o mais importante é que esse é o caminho das crianças que chegam para nascer..."

O Sr. Obi escutou com um sorriso satisfeito em seu rosto.

"O objetivo de nossa escola", disse ele finalmente, "é erradicar exatamente essas crenças! Mortos não precisam de trilhas. A ideia toda é simplesmente fantástica. Nosso dever é ensinar seus filhos a rir de tais ideias."

"O que você diz pode ser verdade", respondeu o sacerdote, "mas nós seguimos as práticas de nossos pais. Se você reabrir o caminho, não teremos nada sobre o que discutir. O que eu sempre digo é: deixe o falcão empoleirar-se e deixe a águia empoleirar-se." Ele se levantou para ir embora.

"Sinto muito", disse o jovem diretor. "Mas o complexo escolar não pode ser uma via de passagem. É contra nossos regulamentos. Eu sugeriria que você traçasse outro caminho, contornando nossas instalações. Podemos até conseguir que nossos rapazes ajudem a construí-lo. Suponho que os antepassados não vão achar o pequeno desvio muito pesado."

"Eu não tenho mais palavras para dizer", disse o velho sacerdote, já do lado de fora.

Dois dias depois, uma jovem mulher do vilarejo morreu no parto. Um adivinho foi imediatamente consultado e ele prescreveu pesados sacrifícios para apaziguar os ancestrais insultados pela cerca.

Obi despertou na manhã seguinte entre as ruínas de seu trabalho. As belas sebes foram arrancadas não apenas perto do caminho, mas em volta da escola, as flores pisoteadas até a morte e um dos prédios da escola foi derrubado... Naquele dia, o supervisor branco veio inspecionar a escola e escreveu um relatório desagradável sobre o estado das instalações, mas mais seriamente sobre a "situação da guerra tribal que se desenvolve entre a escola e o vilarejo, decorrente em parte do zelo equivocado do novo diretor".

Anexo A – Texto original de *Dead Men's Path*

Michael Obi's hopes were fulfilled much earlier than he had expected. He was appointed headmaster of Ndume Central School in January 1949. It had always been an unprogressive school, so the Mission authorities decided to send a young and energetic man to run it. Obi accepted this responsibility with enthusiasm. He had many wonderful ideas, and this was an opportunity to put them into practice.

He had had sound secondary school education, which designated him a "pivotal teacher" in the official records and set him apart from the other headmasters in the mission field. He was outspoken in his condemnation of the narrow views of these older and often less-educated ones.

"We shall make a good job of it, shan't we?," he asked his young wife when they first heard the joyful news of his promotion.

"We shall do our best," she replied. "We shall have such beautiful gardens, and everything will be just modern and delightful..."

In their two years of married life, she had become completely infected by his passion for "modern methods" and his denigration of "these old and superannuated people in the teaching field who would be better employed as traders in the Onitsha market." She began to see herself already as the admired wife of the young headmaster, the queen of the school. The wives of the other teachers would envy her position. She would set the fashion in everything...

Then, suddenly, it occurred to her that there might not be other wives. Wavering between hope and fear, she asked her husband, looking anxiously at him.

"All our colleagues are young and unmarried," he said with enthusiasm, which for once she did not share.

"Which is a good thing," he continued.

"Why?"

"Why? They will give all their time and energy to the school."

Nancy was downcast. For a few minutes, she became skeptical about the new school, but it was only for a few minutes. Her little personal misfortune could not blind her to her husband's happy prospects. She looked at him as he sat folded up in a chair. He was stoop-shouldered and looked frail, but he sometimes surprised people with sudden bursts of physical energy. In his present posture, however, all his bodily strength seemed to have retired behind his deep-set eyes, giving them an extraordinary power of penetration. He was only twenty-six but looked thirty or more. On the whole, he was not unhandsome.

"A penny for your thoughts, Mike," said Nancy after a while, imitating the woman's magazine she read.

"I was thinking what a grand opportunity we've got at last to show these people how a school should be run."

Ndume School was backward in every sense of the word. Mr. Obi put his whole life into the work, and his wife hers too. He had two aims. A high standard of teaching was insisted upon, and the school compound was to be turned into a place of beauty. Nancy's dream gardens came to life with the coming of the rains and blossomed. Beautiful hibiscus and allamanda hedges in brilliant red and yellow marked out the carefully tended school compound from the rank neighborhood bushes.

One evening, as Obi was admiring his work, he was scandalized to see an old woman from the village hobble right across the compound, through a marigold flower bed and the hedges. On going up there, he found faint signs of an almost disused path from the village across the school compound to the bush on the other side.

"It amazes me," said Obi to one of his teachers, who had been three years in the school, "that you people allowed the villagers to make use of this footpath. It is simply incredible." He shook his head.

"The path," said the teacher apologetically, "appears to be very important to them. Although it is hardly used, it connects the village shrine with their place of burial."

"And what has that got to do with the school?," asked the headmaster.

"Well, I don't know," replied the other with a shrug of the shoulders. "But I remember there was a big row some time ago when we attempted to close it."

"That was some time ago. But it will not be used now," said Obi as he walked away. "What will the Government Education Officer think of this when he comes to inspect the school next week? The villagers might, for all I know, decide to use the schoolroom for a pagan ritual during the inspection."

Heavy sticks were planted closely across the path at the two places where it entered and left the school premises. These were further strengthened with barbed wire.

Three days later, the village priest of Ani called on the headmaster. He was an old man and walked with a slight stoop. He carried a stout walking stick, which he usually tapped on the floor, by way of emphasis, each time he made a new point in his argument.

"I have heard," he said after the usual exchange of cordialities, "that our ancestral footpath has recently been closed..."

"Yes," replied Mr. Obi. "We cannot allow people to make a highway of our school compound."

"Look here, my son," said the priest, bringing down his walking stick, "this path was here before you were born and before your father was born. The whole life of this village depends on it. Our dead relatives depart by it, and our ancestors visit us by it. But most important, it is the path of children coming in to be born..."

Mr. Obi listened with a satisfied smile on his face.

"The whole purpose of our school," he said finally, "is to eradicate just such beliefs as that. Dead men do not require footpaths. The whole idea is just fantastic. Our duty is to teach your children to laugh at such ideas."

"What you say may be true," replied the priest, "but we follow the practices of our fathers. If you reopen the path, we shall have nothing to quarrel about. What I always say is: let the hawk perch and let the eagle perch." He rose to go.

"I am sorry," said the young headmaster. "But the school compound cannot be a thoroughfare. It is against our regulations. I would suggest your constructing another path, skirting our premises. We can even get our boys to help in building it. I don't suppose the ancestors will find the little detour too burdensome."

"I have no more words to say," said the old priest, already outside.

Two days later, a young woman in the village died in childbed. A diviner was immediately consulted, and he prescribed heavy sacrifices to propitiate ancestors insulted by the fence.

Obi woke up the next morning among the ruins of his work. The beautiful hedges were torn up not just near the path but right around the school, the flowers trampled to death, and one of the school buildings pulled down...

That day, the white Supervisor came to inspect the school and wrote a nasty report on the state of the premises but, more seriously, about the "tribal war situation developing between the school and the village, arising in part from the misguided zeal of the new headmaster."

Referência para citação:
Santana, Luiz Henrique Costa de, e Imara Bemfica Mineiro (2025). "Chinua Achebe: entre a Nigéria pré-colonial e as reimaginações do passado igbo". *Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (21), 49-76. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n21.43457